

Por Lanna Silveira

Em 2025, o artista FBC - um dos nomes mais proeminentes do hip hop brasileiro - celebra seus 20 anos de carreira em uma turnê nacional, “FBC: 20 Anos”, cujo repertório da turnê passa pelos grandes sucessos do cantor desde o lançamento de seu primeiro álbum solo, em 2018, até seu último trabalho, lançado neste ano. O rapper mineiro, também conhecido como Padrim ou simplesmente Fabrício, construiu uma carreira repleta de hits, marcada pela versatilidade de estilos e por seu forte posicionamento político.

Apesar de seu primeiro trabalho solo ter sido lançado em 2018, o envolvimento de FBC com a música é mais antigo. Uma das primeiras influências musicais consideradas importantes para seu desenvolvimento artístico foram seus primos, que tinham uma banda punk - da qual FBC assistia a ensaios e gravações. O contato próximo com o rock o fez aprender a tocar bateria, aos 10 anos, e formar a sua própria banda aos 12: um grupo cover do Nirvana.

A afiliação de Fabrício ao hip hop - em especial, ao rap - não surge, inicialmente, por um apreço ao gênero; FBC explica que, após se envolver com grêmios estudantis na época do Ensino Fundamental, que o fizeram ter contato com muitas pessoas engajadas politicamente, ele enxergou, no rap, uma oportunidade de falar sobre os nossos problemas sociopolíticos. Inevitavelmente, acabou se apaixonando pelo gênero e compreendendo todas as implicações sociais do hip hop no Brasil. Essa afeição se formou, de fato, com a entrada de Fabrício na cena urbana do movimento hip hop belo-horizontino: especificamente, no Duelo de MCs, do qual o artista participou regularmente por cerca de oito anos. Com vivência na cena, Fabrício entendeu o rap como um grito de povos marginalizados socialmente, como a comunidade negra e originária.

Na década de 2010, FBC começa a caminhar em direção da profissionalização musical: de 2015 a 2018, o rapper fez parte do grupo DV Tribo, com outros cinco artistas da cena mineira. Entre eles, o rapper Djonga, hoje um dos maiores nomes do rap brasileiro. Após o fim do grupo, FBC lança seu primeiro álbum solo, “S.C.A.”, que já demonstrava as bases principais de sua persona artística: a exploração de estilos do hip hop, unidos a letras afiadas que retratam realidades sociais.

Nos anos seguintes, FBC empilhou lançamentos: “Padrim” (2019), primeiro trabalho a viralizar nas redes sociais; “Best Duo” (2020); Baile (2021), que trouxe FBC ao ce-



Divulgação

promovida por uma população escravizada que conseguiu vencer o regime monárquico. “Revisitar o passado é uma evolução musical”, enfatiza.

FBC também se diz um ouvinte assíduo de todo e qualquer tipo de gênero e estilo musical. A diversidade de seu gosto musical se reflete por toda a sua obra, que apresenta diferentes propostas de experimentar o hip hop e a black music, de forma geral. Enquanto álbuns como “S.C.A.” e “Padrim” exploram marcas de estilo do trap, “Baile” é uma ode ao miami bass que dominava as produções do funk melody noventista. “O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irão nos Levar Para Outro Planeta”, por sua vez, brinca com elementos do disco, da house music e do ampieano, remetendo fortemente o soul brasileiro setentista.

Seu álbum mais recente, “Assaltos e Batidas”, marca seu retorno a uma sonoridade mais facilmente reconhecida como hip hop pelo público. Com instrumentais com referência forte ao rap noventista, FBC cita como influências da construção sonora do álbum artistas como Cypress Hill, Lords Of The Underground, Das EFX, Wu-tang Clan e Racionais MC’s - sampleados ao longo do disco. Fabrício faz questão de destacar o papel de Coyote Beatz e Pepito, produtores do disco, na criação de toda a estética que envolve o álbum; tanto na imagem, quanto no som.

Tematicamente, o álbum se estabelece como um grito de revolta do povo brasileiro. A crítica social e o posicionamento político marcam presença em todas as letras do álbum; com destaque para “Você pra Mim É Lucro”, que oferece apoio ao recente movimento da política brasileira que pede o fim da escala 6x1, e “A Voz da Revolução”, que propõe uma postura ativa de resistência da classe trabalhadora ao sistema capitalista.

Mesmo com um lançamento recente, o cantor anunci para 2026 o lançamento de “Os Porcos Vêm Aí”. O trabalho, que já está finalizado, será o primeiro de sua carreira profissional a explorar o rock, marcando um retorno de Fabrício às suas origens artísticas. Apesar da falta de representação em sua discografia, FBC se declara como um grande entusiasta do gênero.

Uma pequena prévia da proposta a ser apresentada pelo álbum já foi divulgada pelo artista nas redes sociais: um trecho da canção “Canudos”, cujo instrumental flerta com o hardcore, metal e nu-metal. A letra da música, que expõe todas as reivindicações sociais levantadas pela histórica Guerra de Canudos, demonstra a necessidade que o cantor sente em produzir mais um trabalho que dê voz às insatisfações do povo brasileiro.

nário mainstream com hits virais como “Delírios” e “Se Tã Solteira”; “O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irão Nos Levar Para Outro Planeta” (2023); e “Assaltos e Batidas” (2025).

Brasilidade aflorada

O rapper afirma estar em um momento artístico em que a “brasilidade” - tanto no que diz respeito a estilos musicais, quanto a vivências e realidades - está aflorada em seus

trabalhos. Acredita que a arte é um lugar de evolução e explica que o seu processo criativo é altamente influenciado por um processo de estudo constante que faz questão de manter. Estudo que se resume a técnicas musicais, mas que avança sobre conhecimentos gerais e teorias políticas. No momento, por exemplo, conta esta lendo “Os Jacobinos Negros”, de C. L. R. James, que explora detalhes sobre a Revolução Haitiana - a única revolta